

PAVILHÃO BRANCO

13.04–30.06.2024

The Colonies
Will be Countries

Délio Jasse

curadoria

Marta Jecu



A IMAGEM É UM TEXTO *As Colónias vão ser Países*¹

A exposição individual de Délio Jasse *The Colonies will be Countries* [As Colónias Vão Ser Países] apresenta uma panorâmica das diversas abordagens do artista ao material de arquivo, que vão da escultura a ambientes imersivos de som e imagem, à cianotipia e instalação fotográfica. O seu trabalho visual multimédia tem como ponto de partida registos do período colonial português em Angola, tais como fotografias, postais, textos de documentos oficiais ou carimbos administrativos. Délio Jasse fotografa fotografias, revisitando os processos através dos quais a imagem desenvolve o seu poder de persuasão e ilusão.

Apropria-se e descontextualiza imagens e documentos vernáculos descartados, desviando o olhar do que é representado nas imagens (e do seu valor de registo) para o observador: a câmara do fotógrafo colonial. Esta exposição reflete sobre os múltiplos modos como os códigos de representação constroem a política do visível, e a forma como as imagens não só revelam, como também ocultam o «real».

«O melhor de uma fotografia é que ela nunca muda, mesmo quando as pessoas que estão nela mudam.» – afirmou Andy Warhol em *The Philosophy of Andy Warhol*, publicado pela primeira vez em 1975 pela Harcourt Brace Jovanovich Press.

Andy Warhol foi talvez o primeiro a conceptualizar a fotografia não como narrativa pictórica ou cinematográfica – uma história contada visualmente – mas como objeto. Para ele, a fotografia não é concebida como o ato de captar imagens, nem como o registo de instantes pitorescos e instáveis das personagens retratadas, mas antes como uma afirmação conceptual com identidade própria (independentemente do que ilustra), uma presença material que pode ser reiterada numa pluralidade de suportes, da serigrafia ao cartaz ou ao filme, os quais reconstróem cada vez o seu significado.

¹ *As Colónias vão ser Países* é o título do artigo de abertura do jornal português *O Século*, publicado em 29 de julho de 1974, logo após a Revolução dos Cravos.

Em várias entrevistas e diálogos, Délio Jasse coloca-se numa posição artística semelhante no que toca ao significado da fotografia. As suas imagens, sobrepostas em várias camadas e atravessando várias hipóteses multimédia, são, por um lado, *ready-mades* (imagens de arquivo pessoal apropriadas) e, por outro, desligam-se da narrativa individual, anonimizando as personagens retratadas. Para além de relatos das histórias pessoais dos portugueses que viveram em Angola durante o período colonial, estas imagens são «lidas» pelo artista como documentos, códigos de representação – muito à semelhança da leitura filosófica que Andy Warhol fazia das imagens como ferramentas nas políticas de representação.

De facto, Andy Warhol desempenhou um papel importante no desenvolvimento dos estudos visuais, que reposicionam a mensagem das imagens, daquilo que elas mostram, para o que significam enquanto afirmações sociais e políticas.

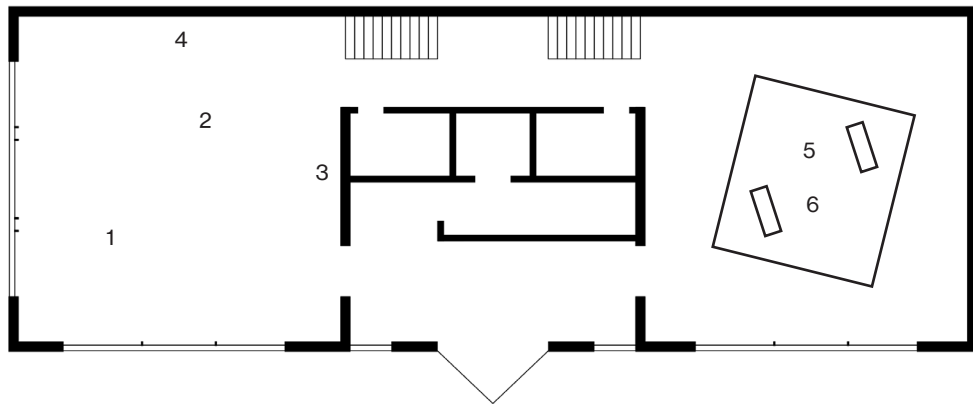
Enquanto fotógrafo, Délio Jasse assume esta orientação conceptual e leva-a ainda mais longe, situando-a no importante campo de reflexão sobre aquilo a que poderíamos chamar a Política da *In*-visibilidade num contexto colonial e as suas repercussões que se perpetuam até hoje.

Esta exposição pretende mapear a pluralidade de modos através dos quais Délio Jasse revela «a imagem» como código abstrato de representação. Fá-lo sobretudo assumindo o ponto de vista do colonizador – apropriando-se das suas fotografias de família, do seu olhar, da sua câmara fotográfica, dos seus códigos de representação e até do papel de «sujeito branco» do período colonial anterior à independência de Angola. Perguntei-me, muitas vezes, porque é que Jasse o faria, em vez de assumir e defender a posição do angolano e da sua visão cultural sobre o passado colonial que é sub-representada na produção de imagens eurocêntrica.

As imagens são poderosos códigos de discriminação, nomeadamente através das mensagens que subliminarmente impõem ao observador, que passam como óbvias, como «documentações» de uma certa «realidade».

Délio Jasse explica que o seu olhar não se dirige, de facto, ao sujeito retratado nas fotografias, mas sobretudo a uma mentalidade formada ao longo de séculos de dominação colonial. Ele delinea os mecanismos deste «olhar europeu» sobre o «Outro». Neste sentido, para ele, estas imagens não constituem a documentação de certos acontecimentos, de uma história pessoal ou de um momento da vida, sendo antes evidências destes jogos de representação que o colonizador jogou com o sujeito colonizado. Revelam estereótipos, sistemas de visibilidade, retóricas, imaginários que correspondem a convicções coletivas, a sistemas de crença, que com o tempo contribuíram para manifestações coletivas de poder. Este olhar estruturou a história europeia da representação e da fotografia. «As minhas fotografias são espelhos, exercícios de consciencialização do olhar “europeu”. Com estas imagens procuro iniciar um debate, provocar uma atualização.»²

piso 0



1.
Liquidado, 2023
Madeira de ulmeiro, impressão 3D em plástico
85 x 44 x 28 cm
Ed.1/3
Cortesia do artista e da Galeria Filomena Soares

2.
Cópia, 2024
Madeira de ulmeiro, impressão 3D em plástico
85 x 44 x 28 cm
Cortesia do artista

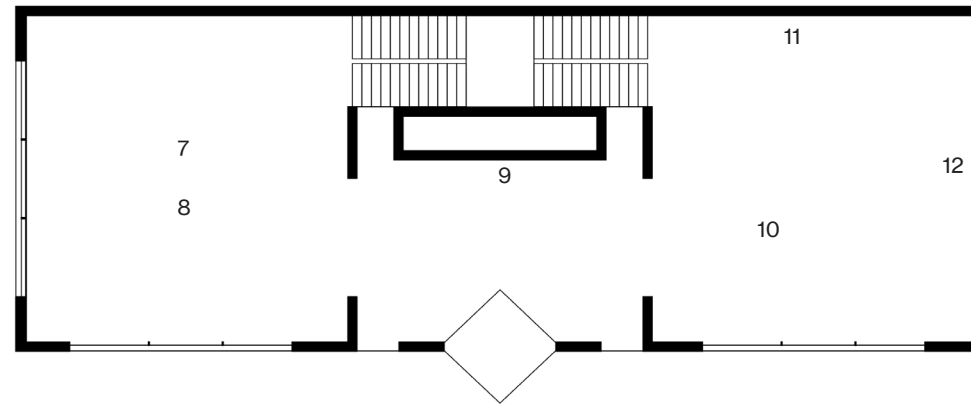
3.
Black Portrait, 2024
Gelatina de prata e folha de ouro
50 x 40 cm (cada)
20 elementos
Cortesia do artista

4.
Série Esgotada II, 2024
Cianótipo e serigrafia sobre papel
100 x 140 cm (cada)
6 elementos
Cortesia do artista

5.
Série Identidade, 2023
Projeção de slides
Dimensões variáveis
Cortesia do artista

6.
Sem título, 2024
Visualizadores de slides
Dimensões variáveis
Cortesia do artista

piso 1



7.
E se mais mundo houvera, 2021
C-Print sobre tecido voile
100 x 145 cm (cada)
5 elementos, Ed. 1/3
Cortesia do artista e da Galeria Filomena Soares

8.
As colônias vão ser países, 2023.
C-Print sobre tecido voile e serigrafia
152 x 222 cm (cada)
12 elementos, Ed. 1/3
Cortesia do artista e da Galeria Filomena Soares

9.
Série Saída, 2024
C print sobre papel
105 x 145 cm (cada)
5 elementos
Cortesia do artista

10.
Série Inutilizado, 2021
Gelatina de prata e serigrafia
12 x 17 cm (cada)
50 elementos, Ed.1/3
Cortesia do artista e da Galeria Filomena Soares

11.
Série Foto memória, 2024
C-print sobre papel
40 x 60 cm (cada)
24 elementos
Cortesia do artista

12.
Anulado, 2022
Cianótipo sobre papel
56,5 x 39,5 cm (cada)
42 elementos
Cortesia do artista

GALERIAS MUNICIPAIS – PAVILHÃO BRANCO

Jardim do Palácio Pimenta, Campo Grande
1700-091 Lisboa

Terça-feira a Domingo 10h-13h e 14h-18h

Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação

mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt